



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
COORDENAÇÃO DOS CURSOS DE LETRAS PORTUGUÊS

TAINÁ SANTOS DE FARIAS

**LITERATURA JUVENIL NA ESCOLA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO LITERÁRIA
NOS ANOS FINAIS A PARTIR DO CONTO “AGULHAS E BOLINHAS”, DE VITOR
MARTINS**

João Pessoa
2023

TAINÁ SANTOS DE FARIAS

**LITERATURA JUVENIL NA ESCOLA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO LITERÁRIA
NOS ANOS FINAIS A PARTIR DO CONTO “AGULHAS E BOLINHAS”, DE VITOR
MARTINS.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do curso de Licenciatura em
Letras da Universidade Federal da Paraíba
(UFPB) como requisito para a obtenção do grau
de Licenciada em Letras, com habilitação em
Português.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Daniela Maria
Segabinazi.

João Pessoa
2023

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

F224l Farias, Taina Santos de.

Literatura juvenil na escola: um estudo da recepção literária nos anos finais a partir do conto "agulhas e bolinhas", de Vitor Martins / Taina Santos de Farias. - João Pessoa, 2023.
48 f.

Orientador: Daniela Maria Segabinazi.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2023.

1. Estética da Recepção. 2. Formação de leitores. 3. Literatura juvenil. 4. Conto. 5. Martins, Vitor. I. Segabinazi, Daniela Maria. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 028.5

AGRADECIMENTOS

A Deus por me conduzir até este momento.

À minha mãe, Marilene Ângela, e ao meu pai, Cicero Cândido, por todo amor, apoio e por sempre acreditarem nos meus sonhos. Agradeço também à minha irmã, Naiana Farias, por ter cuidado de mim, por estar presente em todos os momentos da minha vida, e ao meu irmão, Lucas Farias, por ser meu companheiro e me apoiar nessa jornada.

À minha companheira de vida, Ellen Oliveira, que sonhou esse sonho comigo durante tantos anos e que compreendeu a minha ausência na realização deste trabalho. Desejo que todos tenham a mesma sorte que eu quando encontrei você.

À minha orientadora, professora Daniela Segabinazi, pelas valiosas contribuições à minha formação profissional e pessoal.

Às professoras Alyere Farias e Jhennefer Alves por aceitarem o convite para compor a banca avaliadora deste trabalho.

Ao projeto de extensão Cultura Literária na Escola e a todos que fazem parte dele, por me acolherem afetuosamente e por me ensinarem tudo que sei hoje.

A todos os professores que passaram por minha vida, quero expressar minha profunda gratidão e admiração.

A todos os amigos de curso, com quem convivi intensamente durante os últimos anos e tornaram essa jornada mais especial, Marcella Mendes, Rebeca Limongi, Maria Isabel, Cíntia Oliveira, Karoline Kimbelly, Athirson Carvalho e Yasmin Carvalho.

A Israela Rana, minha dupla de todas as horas, obrigada por te me ensinado tanto. A Stefâne Almeida e Isaque Moraes, por terem me guiado por caminhos desconhecidos, pelos conselhos e conversas que jamais esquecerei.

RESUMO

A leitura, sobretudo no contexto das obras literárias, desempenha um papel considerável na formação de indivíduos dotados de pensamento crítico e reflexivo, implicando na habilidade de compreensão de mundo e em mudanças socioculturais. Adicionalmente, a literatura proporciona o prazer e o entretenimento, além de estimular a criatividade e a imaginação. Portanto, a presente pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e concentrou-se na análise da recepção do conto *“Agulhas e Bolinhas”*, de Vitor Martins, a partir de uma roda de leitura realizada com alunos dos Anos Finais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Tharcilla Barbosa da Franca em João Pessoa - Paraíba. Com isso, considerando a importância do leitor no ato da leitura, optamos por fundamentar esta pesquisa com base nas premissas de Jauss (1994), Zilberman (1989), Bordini e Aguiar (1988), Solé (1998) e outros. O objetivo é elucidar os processos pelos quais os leitores criam significados durante a leitura. Além disso, esta pesquisa almeja corroborar com o uso desse método no ambiente escolar, visto que oferece uma abordagem diferente do ensino de literatura. Logo, espera-se que a investigação tenha um impacto significativo no reconhecimento da experiência leitora. Acreditamos que, com as considerações finais deste estudo, os desdobramentos proporcionaram uma maior compreensão dos valores, diferenças e semelhanças manifestadas pelos alunos por meio da recepção literária.

Palavras-chaves: Estética da Recepção. Formação de leitores. Literatura juvenil. Conto. Vitor Martins.

ABSTRACT

Reading, especially in the context of literary works, plays a considerable role in the formation of individuals endowed with critical and reflective thinking, implying the ability to understand the world and sociocultural changes. In addition, literature provides pleasure and entertainment, as well as stimulates creativity and imagination. Therefore, this research presents a qualitative approach focused on the analysis of the reception of the short story “*Agulhas e Bolinhas*”, by Vitor Martins, based on a reading circle carried out with students in the Final Years of Elementary School at Escola Municipal Tharcilla Barbosa da Franca in João Pessoa – Paraíba. Therefore, considering the importance of the reader in the act of reading, we chose to base this research on the premises of Jauss (1994), Zilberman (1989), Bordini and Aguiar (1988), Solé (1998) and others. The aim is to elucidate the processes by which readers create meaning during reading. In addition, this research aims to corroborate the use of this method in the school environment, since it offers a different approach to teaching literature. It is therefore hoped that the research will have a significant impact on the recognition of the reading experience. We believe that, with the final considerations of this study, the developments will providedde a greater understanding of the values, differences and similarities manifested by students through literary reception.

Keywords: Aesthetic of Reception. Reader education. Youth literature. Short story. Vitor Martins.

Tainá Santos de Farias

**LITERATURA JUVENIL NA ESCOLA: UM ESTUDO DA RECEPÇÃO
LITERÁRIA NOS ANOS FINAIS A PARTIR DO CONTO “AGULHAS E
BOLINHAS” DE VITOR MARTINS**

Data de aprovação: _ / _ / _

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Daniela Maria Segabinazi - Doutorado – UFPB
Orientadora

Profa. Dra. Jhennifer Alves Macedo - Doutorado – UFPB
Examinadora

Profa. Dra. Alyere Silva Farias - Doutorado - UFPB
Examinadora

João Pessoa

2023

LISTA DE SIGLAS E DE ABREVIATURAS

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

DCNs – Diretrizes Curriculares Nacionais

PB – Paraíba

PNLD – Programa Nacional do Livro Didático

REI – Repositório Eletrônico Institucional

TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

UFPB – Universidade Federal da Paraíba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
1. DESAFIOS E SUPERAÇÕES: A FORMAÇÃO DO LEITOR NOS ANOS FINAIS...	12
1.1 A literatura e seus impasses na educação básica.....	14
1.2 Caminhos para a leitura: como superar as dificuldades.....	16
2. O PAPEL DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NO ENSINO DE LITERATURA.....	19
2.1 Estética da Recepção e a comunidade de leitores na escola: leitura compartilhada.....	24
3. LITERATURA JUVENIL E RECEPÇÃO LITERÁRIA: TEXTO, METODOLOGIA E PRÁTICA.....	27
3.1 Percurso metodológico da pesquisa.....	28
3.2 Análise da recepção literária.....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	39
APÊNDICE A.....	42
APÊNDICE B.....	44

INTRODUÇÃO

O ensino de literatura na educação básica do Brasil é de extrema importância, pois visa desenvolver a capacidade dos alunos de interpretar, de analisar e de apreciar obras literárias. Além disso, tem como principal intenção auxiliar na formação de leitores críticos e reflexivos, capazes de compreender as diversas formas de expressão literária e sua relação com o contexto histórico, social e cultural em que foram produzidas. Também, demanda encorajar a criatividade e a imaginação dos alunos, ampliando seu vocabulário e aprimorando a sua comunicação. Este ensino é regulamentado pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que elabora objetivos, conteúdos e habilidades a serem realizadas em cada nível. Todavia, a aplicação dessas diretrizes pode mudar e até não ser realmente efetuada, de acordo com as escolas ou regiões do país, uma vez que também há documentos estaduais e municipais que orientam o ensino.

Diante disso, a *Estética da Recepção* (1994), teoria literária que se concentra na relação entre o texto e o leitor, enfatiza a importância da experiência estética do receptor no processo de interpretação de uma obra de arte. Essa abordagem surgiu na década de 1960, na Alemanha, com os estudos do crítico literário Hans Robert Jauss, tornando-se uma importante aliada na compreensão e na valorização da literatura, que por muitas vezes é negligenciada no ensino escolar, principalmente na educação básica. Isso acontece por inúmeros motivos, dentre eles: a falta de conhecimento especializado dos professores em literatura ou teoria literária; professores não leitores, o que gera falta de repertório literário em sala de aula; a insuficiência de repertório de literatura juvenil; a literatura como pretexto para o ensino da gramática normativa e o fato dela ser preterida em relação ao ensino tanto da própria gramática quanto da produção textual; o ensino de literatura concentrado na análise textual, ou seja, na explicação dos significados dos textos literários.

Embora esse ensino da análise textual seja importante, não é suficiente para o entendimento completo do texto literário, porque não leva em consideração o ponto de vista do leitor e sim apenas o texto. Dessa forma, não toma as experiências, crenças e valores que influenciam a forma como o leitor interpreta e recebe a obra, tornando desafiadora uma adaptação da mensagem para que seja mais clara e relevante para o público jovem. Tem-se como consequências confusões, conflitos e afastamentos de diferentes grupos, tornando-os menos empáticos e menos compreensíveis em relação ao texto.

Desse modo, Freire (1996, p. 14) afirma que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino”, e com isso podemos inferir que a pesquisa e o ensino são atividades

interdependentes e complementares, que se baseiam mutuamente. Essa relação simbiótica sugere que, para que o processo de ensino-aprendizagem seja efetivo, é necessário que os professores sejam pesquisadores e os alunos pesquisadores em potencial. Nesse contexto, é evidente que a busca incessante pelo conhecimento, em conjunto com uma postura reflexiva, são atributos que definem o professor-pesquisador. Portanto, com o objetivo de legitimar esta pesquisa, buscamos explorar as obras preexistentes que estão relacionadas ao tema deste trabalho.

O corpus sobre o qual incide o levantamento acerca do estado da arte limita-se a Artigos Científicos e Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) entre os anos de 2013 e 2023. Para tal, utilizamos plataformas virtuais, como o Google Acadêmico, responsável pelo armazenamento de produções. Em seguida, a pesquisa foi realizada no Repositório Eletrônico Digital (REI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), encarregado de reunir os Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) apresentados à instituição. Além do mais, as pesquisas tiveram como critério o tema “Estética da Recepção no Brasil”, abarcando tanto o âmbito da recepção em obras literárias como em artes e mídias. Por conseguinte, a busca resultou em 05 (cinco) produções acadêmicas sobre a teoria.

Quadro 1 – Estética da Recepção no Brasil

Tipo de trabalho	Título do trabalho	Autor(es)	Ano	Local	Periódico
Artigo	Estética da Recepção na prática escolar: uma experiência de ensino	Farias (2015)	2015	Rio de Janeiro, Rio de Janeiro	XIX Congresso Nacional de Linguística e Filosofia
Artigo	Observações sobre a aplicação da metodologia da Estética da Recepção a <i>Helena</i> , de Machado de Assis	Silva e Paz (2015)	2015	Mato Grosso do Sul	Revista Eletrônica de Estudos Literários (REEL)
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	A importância do filme <i>Vincent</i> , de Tim Burton: influência e recepção.	Silva (2015)	2015	João Pessoa, Paraíba	Repositório Eletrônico Digital (REI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	A lírica ceciliana: leituras e leitores	Silva (2017)	2017	João Pessoa, Paraíba	Repositório Eletrônico Digital (REI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	Dos quadrinhos para o quadro: um estudo da literatura em quadrinhos através do método recepcional	Oliveira (2018)	2018	João Pessoa, Paraíba	Repositório Eletrônico Digital (REI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)	O ensino de Literatura no processo de formação e preservação da cultura nordestina	Gonsalves (2018)	2018	João Pessoa, Paraíba	Repositório Eletrônico Digital (REI) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Artigo	Letramento Literário e Estética da Recepção: auxílios para o ensino de literatura	Assis (2019)	2019	Maranhão, Pará	Revista Communitas

Fonte: Elabora pela a autora com base no Google Acadêmico e Repositório Eletrônico Institucional (REI) – UFPB.

De acordo com os dados apresentados no quadro supracitado, é possível verificar que procedemos à seleção desta pesquisa com base nos postulados da Estética da Recepção, uma vez que esta constitui-se como o fulcro de nossa investigação, tendo sido incluídos também alguns trabalhos relacionados ao Método Recepcional. Nesse contexto, identificamos a existência de 04 (quatro) Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC), dentre os quais dois fundamentam-se na Estética da Recepção como arcabouço teórico, enquanto outros dois adotam o Método Recepcional, sendo essas investigações datadas dos anos de 2015, 2017 e 2018, além de 03 (três) artigos científicos, cuja produção se situa nos anos de 2015 e 2019.

Posteriormente, procedendo à análise dos objetivos delineados em cada uma das produções identificadas, constata-se o surgimento de discussões que conferem primazia ao processo de formação do leitor, situando-o no centro da prática de leitura e, de igual modo, atribuindo-lhe o papel de coautor das obras literárias lidas. Além disso, essa abordagem amplia significativamente o horizonte de expectativas dos alunos em relação às suas futuras incursões literárias e contribui para o seu processo humanizador.

Portanto, como trabalhar a recepção de textos literários nos anos finais do fundamental? A partir disso, intenciona-se realizar uma prática de leitura literária com o conto *Aguilhas e Bolinhas*, de Vitor Martins, que compõe a antologia de contos *De repente adolescente* (2021), publicada pela Editora Seguinte, utilizando como referencial para a prática as Estratégias de leitura (1998), de Isabel Solé, e *Las Preguntas Especiales* (2007), de Aidan Chambers. Por fim, serão utilizados também os conceitos da Estética da Recepção (1994) para análise das respostas dos alunos.

Portanto, a fim de estruturar a pesquisa, no primeiro capítulo, abordam-se os desafios na formação do leitor nos anos finais da educação básica, enfatizando a importância do ensino de literatura. Diversos obstáculos, como a falta de estímulo à leitura e as desigualdades sociais, dificultam essa formação. Além disso, destaca-se a necessidade de revitalizar o ensino de literatura e propõem-se estratégias, incluindo abordagens que relacionam a literatura às

experiências dos alunos e métodos de ensino participativos discutidos na seção sobre Estética da Recepção.

Em seguida, no segundo capítulo, realizou-se uma pesquisa sobre a influência da Estética da Recepção no ensino de literatura, destacando sua evolução ao longo do tempo e sua relevância na formação de leitores na escola. A pesquisa contextualiza a origem da teoria, mencionando os precursores Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser e também abordando contribuições de pensadores brasileiros, como Luiz Costa Lima, Regina Zilberman e Vera Teixeira de Aguiar, que implicaram a Estética da Recepção no ensino de literatura. Também se ressalta a importância da comunidade de leitores, incluindo clubes e círculos de leitura, na promoção do hábito de leitura.

Por último, no terceiro capítulo, discute-se a pertinência dos contos na literatura juvenil, ressaltando seu papel no desenvolvimento das habilidades de leitura, expansão do vocabulário e estímulos ao pensamento crítico dos jovens. Ademais, analisam-se as respostas dos participantes, obtidas por meio do questionário, relevando seus interesses pela leitura e expondo a falta de incentivos. Isso enfatiza a escassez de esforços na promoção de leitura para motivar esses jovens a valorizarem esta prática em suas vidas.

1. DESAFIOS E SUPERAÇÕES: A FORMAÇÃO DO LEITOR NOS ANOS FINAIS

A formação do leitor, em paralelo com o ensino de literatura na educação básica, enfrenta diversos obstáculos para alcançar êxito. Neste capítulo, apresentaremos uma discussão reflexiva a partir de premissas de Candido (2000); Zilberman (2003); Solé (1998); Rojo (2012); Nóvoa (2003); Colomer (2007), dentre outros, finalizando com abordagens e estratégias que podem auxiliar na superação desses obstáculos e possibilitar um ensino efetivo de literatura, contribuindo diretamente com a formação de leitores.

A literatura desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional dos jovens, proporcionando-lhes uma oportunidade única de explorar diferentes mundos, expandir horizontes e desenvolver habilidades essenciais de leitura crítica e interpretação. A formação do leitor é um tema crucial e amplamente discutido na área da Literatura Juvenil, e evidentemente é um processo que deve ser iniciado precocemente e cultivado ao longo da vida escolar do indivíduo. Segundo Nóvoa (2003), a educação literária tem o poder de despertar a imaginação e a criatividade dos jovens, contribuindo para competências linguísticas, cognitivas e afetivas.

A literatura juvenil pode ser vista como um espelho, refletindo a realidade vivida pelos adolescentes, e também como uma janela, abrindo horizontes para novas perspectivas. Em outras palavras, a literatura possui um papel importante no processo educacional, uma vez que vai além da mera transmissão de informações e de conteúdos curriculares. Ela oferece uma oportunidade única para que os jovens desenvolvam habilidades que lhe permitam compreender diferentes culturas, valores e contextos históricos. Logo, um dos incentivos que se destacam na literatura juvenil é a habilidade de estimular a empatia e a compreensão com o outro. Nesse sentido, a literatura juvenil tem o poder de empoderar os leitores, fortalecendo sua autoestima e seu autoconhecimento, bem como contribuindo para a formação de cidadãos mais conscientes, visto que é nessa faixa etária que os adolescentes estão em processo de construção de suas identidades.

É inegável a importância da formação do leitor juvenil, mas sua efetivação nos anos finais da educação básica encontra obstáculos que precisam ser superados para se ter sucesso. Dentre as considerações que explicam o problema está a falta de incentivo e de motivação para a leitura, um dos principais fatores que comprometem a formação do leitor juvenil. Muitas vezes, a leitura é encarada como atividade obrigatória, focada apenas na concretização de fins curriculares e no preparo para vestibulares, e isso pode fazer com que os jovens encarem a

leitura como uma atividade desinteressante e desligada das suas vidas cotidianas, como prevê Rojo (2012).

Outro problema encontra-se na sobrecarga curricular, demandas que atingem a formação do leitor, com carga horária pequena para leitura de literatura e um currículo sobrecarregado de disciplinas obrigatórias, tornando o tempo dedicado à leitura insuficiente. Essa limitação pode comprometer a oportunidade de explorar diferentes obras literárias e desenvolver habilidades de leitura, assim como provocar a ausência de diversidade literária, tornando a escolha de obras um dos aspectos críticos (CANDIDO, 2000). Por consequência, uma vez que o currículo não contempla uma diversidade de gêneros, estilos e autores, a literatura pode continuar parecendo monótona e distante.

Outro ponto é a formação insuficiente dos professores em relação ao ensino de leitura, que acaba se tornando um fator limitante. A falta de qualificação específica para trabalhar com textos literários pode dificultar tanto a mediação da leitura quanto a escolha de obras adequadas para os jovens, resultando em abordagens menos atrativas e envolventes (MOITA LOPES, 2006). Sem formação continuada, os professores podem não estar cientes das novas práticas e estratégias de ensino para desenvolver efetivamente as habilidades de leitura dos alunos. Além disso, professores bem preparados são capazes de identificar alunos com dificuldades de leitura e oferecer suporte adequado, intervenção individualizada e até encaminhamentos para especialistas. Portanto, avaliar e investir na formação desses professores é essencial para o sucesso educacional dos alunos.

Em seguida, podemos observar que as desigualdades sociais são um dos fatores influentes, visto que alunos em situação de vulnerabilidade, geralmente, moram em bairros pobres e frequentam escolas em áreas de baixa renda. Como tal, carecem de acesso a livros, materiais de leitura e tecnologias que possam enriquecer as experiências literárias. Eles precisam lidar, ainda, com infraestruturas precárias e falta de investimento em bibliotecas e projetos culturais, o que afeta diretamente a qualidade de sua educação e o gosto pela leitura. Além disso, a falta de estímulo à leitura no ambiente familiar pode reforçar a ideia de que a literatura não é uma prioridade em suas vidas (FARIA, 2008).

Outrossim, ocasionalmente, a presença massiva da tecnologia e do mundo digital na vida dos jovens pode impactar negativamente o seu interesse pela leitura (SANTOS V.; SANTOS J., 2014), pois jogos eletrônicos, redes sociais e dispositivos móveis também competem diretamente com a literatura juvenil, tornando desafiador o estabelecimento de uma cultura literária sólida nos anos finais da educação básica.

Sendo assim, esses fatores que limitam a formação do leitor dos últimos anos da educação básica requerem atenção e ação de educadores, dirigentes educacionais, familiares e da sociedade como um todo. Só assim será possível criar um ambiente propício ao desenvolvimento de um leitor ativo, engajado e crítico, que se beneficiará da literatura juvenil ao longo de sua vida.

1.1 A literatura e seus impasses na educação básica

A descrição do que é literatura tem sido pauta de debates há séculos, com variações de acordo com o contexto cultural e histórico. No geral, a literatura é uma forma de arte que utiliza a linguagem escrita para manifestar ideias, emoções e visões de mundo. Ela envolve uma ampla série de gêneros, estilos e assuntos, imergindo os leitores em histórias de ficção, que retratam as profundidades da experiência humana. A literatura, enquanto expressão artística, desafia categorizações rígidas, mas pode ser entendida como uma forma de linguagem estética que comunica ideias, sentimentos e valores culturais (EAGLETON, 2001).

A partir dessa conceituação, podemos pensar o ensino de literatura no Brasil, que no século XIX ficou mais sistematizado, por meio da disciplina que incorporava o estudo da história da literatura nacional, com ensino pautado em cânones nacionais. Então, de lá para cá, persiste em nosso currículo o viés histórico, ainda que em 2013 as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCNs) tenham assegurado a autonomia das escolas e inserido a literatura nas práticas discursivas da leitura, ou seja, a leitura dos textos literários tornou-se um conteúdo curricular.

Em 2015, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) foi implementada, com o objetivo de preencher lacunas deixadas pelos documentos norteadores criados anteriormente, como as DCNs, buscando democratizar e orientar o ensino básico no país. Embora a literatura venha sofrendo um apagamento diante de outras práticas que não educam os leitores com base em textos literários, a BNCC dedica-se a renovar o ensino de literatura, disponibilizando práticas de leituras literárias que não priorizam apenas as características e as estruturas dos textos.

No que tange à leitura, as propostas da Base recomendam ações pedagógicas para difusão das leituras literárias em sala de aula. Em princípio, elas foram projetadas para permitir que os alunos compreendam os textos, fomentem habilidades de leitura, expandam o vocabulário por meio dos textos literários e sejam capazes de elaborar reflexões e apontar significados sobre os temas apresentados, assim desenvolvendo uma formação literária

humanizada. Porém, é necessário que os professores recorram a outras práticas e metodologias pedagógicas, além das expostas na BNCC, a fim de aumentar a eficiência das aulas, com contribuições que tenham sucesso na formação leitora.

Assim, no contexto da educação básica, a literatura deve ser vista como uma ferramenta para desenvolvimento do pensamento crítico e da sensibilidade estética, incentivando o senso de empatia e de compreensão do outro (ZILBERMAN, 2003), pois, quando inserida no ensino fundamental, oferece um grande número de histórias e de emoções que despertam a imaginação e a curiosidade dos jovens. Com isso, ela desempenha um papel crucial no desenvolvimento educativo, permitindo que os jovens construam significados a partir das narrativas que leem. É importante destacar que a literatura fomenta a capacidade crítica, analisando as entrelinhas da história, incentivando os alunos a questionar, interpretar e analisar as escolhas feitas pelo autor, bem como as ramificações sociais, políticas e culturais dessas escolhas.

No entanto, o ensino de literatura enfrenta obstáculos que desafiam os professores e pesquisadores. Dentre eles estão os desafios existentes na contemporaneidade, como o aumento da competição com as mídias digitais, que podem acometer a capacidade da literatura de envolver e engajar os alunos ou não, dependendo da forma como o professor acolhe tais mídias. Além disso, com o crescimento das tecnologias digitais e entretenimentos eletrônicos, a procura dos jovens pela leitura pode torna-se cada vez menos frequente, porém, mais adiante, veremos que essas tecnologias e principalmente as redes sociais podem ser grandes aliadas na formação de leitores e no ensino de literatura. A falta de igualdade entre os alunos no que diz respeito às tecnologias digitais também é um problema recorrente. Nem todos os estudantes são privilegiados com acesso a dispositivos como *smartphones*, *tablets* e computadores, ou acesso à internet. Portanto, criam-se defasagens no acesso aos conteúdos digitais, que impedem a equidade educativa.

Nesse sentido, os professores têm o desafio de encontrar métodos que tornem a literatura considerável em uma esfera altamente tecnológica (SARDO, 2017). Porém, muitos professores do ensino básico não têm formações adequadas para utilizar eficazmente essas tecnologias nas disciplinas de literatura. A incorporação desses materiais exige compreensão técnica, experiências de design instrucional, ou seja, produzir e aplicar metodologias específicas como videoaulas, e ajustes no currículo de ensino. Em vista disso, a falta de qualificação nesse meio pode tornar as práticas de ensino superficiais e ineficazes. Outro grande desafio é a resistência de alguns professores à chegada de novos métodos de ensino. Muitos deles estão habituados com os métodos tradicionais de ensino de literatura e veem a inserção das tecnologias digitais

como uma intimidação ao seu papel ou como uma dificuldade adicional nas suas atividades diárias.

Os impasses da metodologia e do currículo no ensino de literatura educacional básica têm sido tema de constantes debates. As abordagens tradicionalmente utilizadas centralizam-se na análise estrutural, no reconhecimento de elementos literários isolados e que muitas vezes não envolvem os alunos de maneira eficiente, levando-os a uma compreensão rasa da literatura e impedindo que eles apreciem a riqueza e a complexidade da narrativa, ou seja, desconsiderando-se o polo ativo do leitor. Autores importantes tratam do tema, como Wolfgang Iser, que discute, em sua obra *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético* (1996), como os leitores trazem suas próprias experiências, emoções e valores para a leitura do texto e como esses constituintes moldam sua compreensão e interpretação, além de destacar o entusiasmo do leitor e as surpresas expostas no texto, criando assim um diálogo entre ambos.

Geralmente os métodos comuns desestimulam a participação ativa do leitor, focando excessivamente na análise técnica e criando uma barreira entre os alunos e a literatura, afastando-os do potencial de reflexão crítica e de identificação emocional que a leitura pode proporcionar. O ensino de literatura nas escolas de Ensino Fundamental caracteriza-se por um desenvolvimento menos sistemático e uma perspectiva mais ampla dos professores, visto que existe uma mistura ambígua entre a literatura infanto-juvenil e a literatura considerada clássica, todavia essa é pouco explorada e incorporada nas aulas de Língua Portuguesa. Essa sistematização do ensino de literatura existe apenas no Ensino Médio, e é feita a partir de um ponto de vista historiográfico, em que predomina o estudo das escolas literárias desde o século XIX, deixando mais uma vez a diversidade de textos de lado. Mas como buscar minimizar esses impasses?

1.2 Caminhos para a leitura: como superar as dificuldades

A educação básica é uma etapa essencial no sistema educacional, sobre a qual são lançadas as bases do conhecimento, do pensamento e da compreensão do mundo para o aluno, como vimos anteriormente. Contudo, o ensino de literatura e conseqüentemente a formação de leitores passa por embaraços que impedem que os resultados sejam favoráveis. A falta de motivação dos alunos diante do ensino de literatura é um dos principais desafios enfrentados por muitos educadores, pois a literatura muitas vezes é pensada como irrelevante para a vida estudantil. Apesar disso, abordagens pedagógicas que relacionam a literatura com a vida

cotidiana dos alunos enriquecem a conexão entre as obras literárias e as experiências pessoais, podendo ter impactos significativos.

Nesse sentido, Zilberman (2003) ressalta que a literatura pode ser uma ponte para entender as emoções, os conflitos e as experiências dos jovens. Ao selecionar obras que abordam questões contemporâneas e relevantes, os alunos podem ver a literatura como uma ferramenta para reflexão de suas próprias vidas, pois, como aponta Colomer (2007, p. 143), “também porque permite experimentar a literatura em sua função socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências e cumplicidades mútuas”.

Além disso, essas comunidades exploram e apreciam a literatura não apenas lendo, mas ouvindo trechos em áudio, explorando visualmente as ilustrações e até mesmo por meio de apresentações dramáticas. Essas abordagens estimulam diferentes sentidos e melhoram a experiência literária.

O diálogo entre os gêneros e as mídias acaba se tornando uma abordagem de sucesso, pois não limita a literatura a um gênero específico, e as conexões com a vida podem ser enriquecidas através do conhecimento de diferentes gêneros da literatura, como literatura infantil e juvenil, poesia, contos, quadrinhos e até as *graphic novels*, que podem ser inseridas no ensino.

O desenvolvimento de projetos culturais que envolvam a literatura e as obras literárias são abordagens eficazes na tentativa de superar as dificuldades no ensino de literatura. Explorar projetos que envolvam visitas a museus, peças teatrais, apresentação de grupos de danças e adaptações relacionadas a obras literárias e autores podem contribuir para o ensino, visto que esses projetos encorajam a participação dos alunos.

O incentivo à leitura independente, principalmente por meio da literatura infantojuvenil, é uma estratégia esperançosa. Ana Maria Machado (2000) aponta a importância de criar espaços que ofereçam acesso a diferentes formas e gêneros literários desde a infância, estimulando o gosto pela leitura. A literatura infantil e juvenil brasileira oferece uma vasta seleção de obras que auxiliam os jovens a desenvolverem seu gosto pela leitura.

Na busca de um incentivo maior, é necessário tornar a leitura literária uma prática dentro da sala de aula, por meio da criação de propostas dentro do ambiente escolar para que os alunos tenham esse acesso diariamente, como bibliotecas abertas na hora do intervalo, livros literários dentro da sala de aula, feiras e festivais de literatura. Outras estratégias ditas por Cosson (2022) são propor a hora do conto, sacola da leitura, dramatização, contação de histórias, diário de leitura, entre outros, que envolvem e aproximam o aluno.

Ademais, uma forma de promover a participação do aluno é a partir das estratégias de leitura propostas por Solé (2014), utilizando o “antes da leitura” para ativação de conhecimentos prévios dos alunos, o “durante a leitura”, trazendo perguntas para verificar a compreensão do texto, e o “depois da leitura”, tendo como importância a capacidade do leitor em resumir as ideias principais do texto. Com isso, o aluno pode perceber que ler é mesmo essencial. Portanto, é importante reconhecer que:

Talvez um dos maiores problemas da leitura literária na escola [...] não se encontre na resistência dos alunos à leitura, mas na falta de espaço-tempo na escola para esse conteúdo que insere fruição, reflexão e elaboração, ou seja, uma perspectiva de formação que não existe no currículo (REZENDE, 2013, p. 111).

Surpreendentemente, os estudos literários, na maioria dos currículos, principalmente no Ensino Médio, continuam com foco na historiografia da literatura brasileira, podendo ser facilmente visível nas coleções que compõem o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Se notarmos que grande parte do corpo docente orienta suas aulas com livros didáticos, observa-se que é necessária uma mudança na visão teórica desse material, para que ele cumpra seu papel. Conjuntamente, os cursos superiores e universidades devem fazer sua parte na preparação dos professores, que no espaço escolar encontrarão desafios na transformação dos alunos em leitores de literatura, ou seja, as mudanças precisam acontecer inicialmente dentro das universidades, na reformulação e na atualização dos currículos que formam novos professores, seguidas de mudanças no material didático utilizado em sala de aula.

Assim sendo, na educação básica existem vários gargalos no ensino da literatura e na formação de leitores, que exigem propostas mais abrangentes e multidisciplinares. A integração efetiva da literatura requer uma reavaliação constante das práticas pedagógicas, investimentos na formação continuada dos professores e a promoção da variedade e representatividade nas obras literárias trabalhadas nas escolas.

Em suma, a formação de um aluno leitor é acompanhada de muitos desafios, mas com a colaboração da escola e a possibilidade de acesso à leitura livre é possível que esse ato facilite práticas sem obrigação. No mais, as atenções devem estar sempre voltadas à superação desses impasses, para que a literatura cumpra seu dever como instrumento do desenvolvimento intelectual, emocional e cultural dos alunos. Uma das possibilidades para superar tais impasses é o reconhecimento de teorias que envolvem o leitor no processo de ensino da leitura do texto literário, como a Estética da Recepção, tema do próximo capítulo.

2. O PAPEL DA ESTÉTICA DA RECEPÇÃO NO ENSINO DE LITERATURA

Para compreender a origem e a evolução da Estética da Recepção, é crucial contextualizá-la dentro de um cenário mais abrangente dos estudos literários. No início do século XX, a crítica literária foi amplamente influenciada pelo formalismo russo, com uma abordagem que priorizou a análise dos aspectos gerais presentes nas obras literárias. No entanto, mais precisamente no final da década de 1960, os estudiosos e os educadores literários levantaram um questionamento sobre a abordagem tradicional do ensino de literatura, que se concentrava na intenção do autor e no significado intrínseco do texto. Em vez disso, passou-se a valorizar e a centralizar a figura do leitor na experiência de leitura. Este capítulo proporcionará uma análise abrangente, partindo dos primórdios dos estudos relacionados à Estética da Recepção até as pesquisas contemporâneas, com o intuito de evidenciar suas contribuições para o ensino de literatura, que tem como prioridade a formação leitora na escola. A evolução dessa abordagem ao longo dos anos foi influenciada por debates e por contribuições de diversos teóricos e intelectuais notáveis, que estabeleceram seus fundamentos conceituais.

O crítico literário e filósofo alemão Hans Robert Jauss foi uma das figuras-chaves que desafiou abordagens tradicionalistas, adquiridas com o idealismo e positivismo do século XIX, e propôs uma alternativa que colocou o leitor no centro do processo interpretativo. Jauss argumentou que o significado de uma obra literária não é fixo ou objetivo, mas depende da resposta e da interpretação do leitor. Nas suas palavras:

Cada leitor pode reagir individualmente a um texto, mas a recepção é um fato social – uma medida comum localizada entre essas reações particulares; este é o horizonte que marca os limites dentro dos quais uma obra é compreendida em seu tempo e que sendo “trans-subjetivo”, “condiciona a ação do texto” (JAUSS, 1994, p. 176).

Jauss enfatiza a importância do contexto histórico e cultural no processo de produção e de recepção da obra literária. Ele argumenta que esse contexto influencia diretamente as expectativas de cada leitor, moldando-as por meio de suas experiências pessoais, sociais e culturais. A mudança de perspectiva decorrente dessa abordagem teve um impacto significativo nos estudos literários, abrindo novas possibilidades de compreensão da relação entre a literatura e os seus leitores.

O conceito de “horizonte de expectativas”, criado por R. Holub (1984, p. 59 *apud* ZILBERMAN, 1989, p. 113), é definido como “sistema intersubjetivo ou estrutura de espera, ‘sistema de referências’ ou esquema mental que um indivíduo hipotético pode trazer a qualquer

texto”, e por Jauss tornou-se um conceito central na Estética da Recepção, pois reconhece a natureza dinâmica e interativa da relação texto-leitor. A experiência tida pelo leitor conduz a uma cadeia de referências construídas ao longo de suas vivências, marcadas por uma visão de mundo própria, pois

[...] há um saber prévio, ele próprio um produto dessa experiência com base na qual o novo que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja, legível, por assim dizer, num contexto experiencial. Ademais, a obra que surge não se apresenta como novidade absoluta num espaço vazio, mas, por intermédio de avisos, sinais visíveis e invisíveis, traços familiares ou indicações implícitas, predispõe seu público para recebê-la de uma maneira bastante definida (JAUSS, 1994, p. 28).

Em termos mais precisos, o horizonte de expectativas pode ser definido como a estrutura ou contexto dentro do qual o leitor interpreta e compreende a obra literária. Vale destacar que essa estrutura varia individualmente e pode sofrer modificações ao longo do tempo, à medida que o leitor acumula novas experiências e conhecimentos. Diante disso, as contribuições de Jauss revelaram-se revolucionárias para a época, catalisando uma mudança significativa nos estudos literários, com seu foco voltado predominantemente para a recepção do leitor.

Wolfgang Iser, outro destacado teórico, deixou um legado inestimável na Estética da Recepção, moldando profundamente a teoria literária e os estudos culturais. Suas contribuições abriram caminhos para uma compreensão mais profunda e interativa dessas disciplinas. Em *O Ato da Leitura: Uma Teoria do Efeito Estético* (1996), Iser argumentou com vigor que a leitura em si é um ato de criatividade. Dessa maneira, desenvolveu um conceito-chave, conhecido como “vazio”, que concebe o leitor como um coautor na construção dos significados da obra, preenchendo as lacunas estéticas deixadas pelo texto.

Nessa perspectiva, Iser sustentou que a experiência estética desabrocha quando o leitor envolve-se no processo de preenchimento dessas lacunas, tornando-se parte integrante da obra. Além disso, Iser enfatizou a relevância da “negatividade” na leitura, evidenciando que os leitores estão constantemente desafiados a abandonar seus pré-conceitos e a engajar-se nas ambiguidades e nas inconsistências presentes no texto. Essa abordagem visionária de Iser amplia nossos horizontes na apreciação e na interpretação das obras literárias e culturais.

Na atualidade, a Estética da Recepção mantém uma posição de relevância nos âmbitos dos estudos literários, uma vez que proporciona aos acadêmicos a oportunidade de investigar a relação mais complexa e em constante evolução entre os leitores e os textos literários. Conforme sustentada por Vicent Jouve (2002), a Estética da Recepção representa um ponto de vista do

pensamento literário que é simultaneamente rigoroso e flexível, confirmando a importância tanto do texto quanto do leitor na construção de significados literários.

Vicent Jouve (2002) desempenhou um papel fundamental na evolução da Estética da Recepção, com a sua noção de “poética do sujeito”. Essa ideia central ressalta o valor crescente dado à presença do sujeito na literatura contemporânea, seja ele o autor, o narrador ou um personagem. Considera-se como os escritores exploram questões relacionadas à subjetividade e às complexidades dos personagens e narradores, bem como de que modo abordam temas como identidade, experiências pessoais e modo de vida. Tal abordagem induz os leitores a trazerem para a leitura suas próprias experiências, sentimentos e valores, e esses princípios podem, de alguma maneira, influenciar a interpretação das obras literárias. Essa concepção traz uma provocação à visão tradicional da análise literária e amplia o cerne da Estética da Recepção, abrindo espaço para uma compreensão mais rica e interativa da relação entre leitor e obra.

Outro aspecto de grande relevância na análise de Jouve e a sua contribuição para a Estética da Recepção é a ênfase nas comunidades de leitores. Ele explica que os leitores não existem como indivíduos isolados, mas sim como membros de grupos sociais e culturais, como visto anteriormente, que, de alguma forma, moldam seus hábitos de leitura. O foco de Jouve nas comunidades de leitores tem sido fonte de pesquisas contemporâneas que exploram as complexas dimensões socioculturais da recepção literária. Esses estudos têm motivado acadêmicos a investigarem de que maneira as práticas de leituras são moldadas por fatores como classe social, gênero e etnia, de acordo com Rouxel (2012).

Do mesmo modo, Annie Rouxel (2013) realça a importância da subjetividade do leitor e a singularidade da obra, correlacionando-as com os princípios da Estética da Recepção. As investigações de Rouxel sobre a interação texto-leitor têm escrito de maneira substancial para a compreensão dos desafios intrínsecos ao ensino de literatura, visto que é comum em muitos ambientes educacionais a literatura ser ensinada de uma forma predominantemente estruturalista e historicista, como anteriormente mencionado, negligenciando o potencial estético, ético e cultural inerente ao texto, conforme afirma Marson (2016).

Nas escolas brasileiras, geralmente os textos literários são inseridos no ensino para recorrer a aulas menos cansativas e monótonas, mas trazem a necessidade de serem curtos, modernos, “interessantes” e, basicamente, responderem às expectativas do sistema escolar, seguido do professor e, por fim, do aluno. Sobre estas práticas no ensino médio:

O ensino da literatura limita-se à literatura brasileira, ou melhor, à história da literatura brasileira, usualmente na sua forma mais indigente, quase como apenas uma cronologia literária, em uma sucessão dicotômica entre estilos de época, cânone e dados biográficos dos autores, acompanhada de rasgos teóricos sobre gêneros, formas fixas e alguma coisa de retórica em uma perspectiva para lá de tradicional. Os textos literários, quando aparecem, são fragmentos e servem prioritariamente para comprovar as características dos períodos literários [...] (COSSON, 2006, p. 21).

Em vista disso, as vozes dos alunos são silenciadas na recepção dos textos pelo domínio do ensino de literatura baseado na historiografia e na utilização do livro didático como recurso principal. Em contraponto a isso, o trabalho de Rouxel destaca a relevância do envolvimento subjetivo do leitor com o texto, bem como a forma como esse aspecto pode ser fomentado por meio de metodologias pedagógicas que valorizem a experiência singular do leitor, como por exemplo os diários de leitura, que têm como principal função oferecer-lhe um espaço de liberdade, uma vez que “qualquer que seja a forma escolhida – cópia, paráfrase, metadiscorso, escrita criativa [...] –, esses traços de leitura são o signo de um engajamento literário muito pessoal. Eles resultam de uma leitura subjetiva sem a qual não existe experiência literária.” (ROUXEL, 2013, p. 187). Ainda, complementa Petit (2008, p. 26), “[...] os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção [...]”. Dessa forma, as pesquisas de Rouxel são particularmente importantes no contexto contemporâneo, em que existe uma inquietação com o declínio da leitura literária e os desafios inerentes ao ensino na era digital.

No Brasil, o desenvolvimento e a aplicação da Estética da Recepção tem sido uma área significativa de pesquisa nos últimos anos. A inserção da teoria de Jauss no contexto brasileiro se deu aproximadamente vinte anos após seu surgimento na Alemanha, através do crítico e teórico literário Luiz Costa Lima, notável por suas contribuições expostas em suas obras, como *A literatura e o leitor* (1979) e outras, que desempenharam um trabalho essencial na ascensão dessa abordagem.

Costa Lima argumenta sobre a participação ativa do leitor na construção de significados em uma obra literária. Além disso, rejeita a ideia de que a leitura seja um comportamento passivo, destacando que o leitor interage de forma ativa com o texto, conferindo-lhe múltiplas interpretações. Sua perspectiva enfatiza que uma obra literária não atinge sua plenitude sem a participação do leitor. Portanto, a análise crítica deve incorporar as diversas respostas e interpretações que os leitores podem oferecer ao texto literário. Ainda assim, explora a ideia de que a literatura pode ser vista como espaço de encontro entre diferentes vozes e discursos, proporcionando um terreno útil para o diálogo e a negociação de sentidos.

Outra figura de destaque no desenvolvimento da Estética da Recepção no Brasil é Regina Zilberman, cujas obras, como *Estética da recepção e História da literatura* (1989), também enfocam os aspectos positivos da teoria. Considerando o leitor no processo literário, Zilberman enfatiza a importância de compreender o contexto social e histórico em que os leitores vivenciam um texto, pois eles podem influenciar significativamente as interpretações dos leitores. Suas pesquisas incentivam os estudiosos da literatura a não considerarem apenas o autor e o texto literário, mas também o leitor como parte integrante da experiência, considerando-se que

Os espaços ou lacunas existentes na obra literária necessitam da intervenção do leitor para completá-los; ao fazê-lo, o leitor torna-se co-produtor do ato de criação. [...] São as indeterminações que permitem ao texto ‘comunicar-se’ com o leitor, induzindo-o a tomar parte na produção e compreensão da intenção da obra (ZILBERMAN, 2001, p. 51).

Ainda nesse contexto, aponta-se uma proposta de ensino da literatura centrada numa metodologia recepcional. Segundo Zilberman (1989), esta proposta pode ser entendida através desses três passos: horizonte progressivo da experiência estética, no qual o aluno faz sua primeira leitura, na qual deve alcançar sua compreensão e experiência enquanto leitor; horizonte retrospectivo da compreensão interpretativa, no qual o leitor reconhece a forma do texto; leitura reconstrutiva, no qual intervém o conhecimento histórico que localiza o texto na época, as mudanças pelas quais passou e provocou, assemelhando-se a uma linha do tempo.

As autoras Vera Teixeira de Aguiar e Maria da Glória Bordini aprimoram este método em sua obra *A formação do leitor - alternativas metodológicas* (1988) e apresentam suas considerações práticas:

A concepção de educação que defendem (os métodos) está ligada à noção de transformação sócio-cultural, que só se viabiliza através de um ensino eminentemente voltado para a realidade do aluno e que deseja alcançar, com dividendo final, uma postura crítica ante o mundo e a práxis social [...] (1988, p. 43).

Na análise crítica empreendida, as autoras apontam o 8º ano do Ensino Fundamental II e o Ensino Médio como os previstos para que os estudantes exerçam discernimento de caráter avaliativo e cultivem avaliação por conteúdos estéticos. Nota-se que as obras literárias que abordam temáticas sociais e psicológicas despertam maior interesse dos alunos, conferindo-lhes a oportunidade de deliberar sobre assuntos pertinentes e selecionar padrões comportamentais mais equitativos e autênticos. Além disso, a abordagem do método recepcional ressalta a significância da comparação entre leituras previamente conhecidas e

aquelas recém-introduzidas, bem como entre contextos temporais e espaciais próximos e distantes.

Conforme destacado por Bordini e Aguiar (1993, p. 85-86), o sucesso do método recepcional no ensino de literatura está intrinsecamente ligado à realização de seus objetivos em relação ao aluno. Podemos compreendê-los como: realizar leituras que sejam simultaneamente compreensivas e críticas; manter-se receptivo a novos textos e às diferentes interpretações literárias propostas por outros leitores; desenvolver a capacidade de questionar as leituras realizadas em relação ao seu próprio horizonte cultural; transformar tanto seus próprios horizontes de expectativas quanto os do professor, da escola e da comunidade familiar e social. A eficácia do método recepcional reside na concretização dos objetivos acima, os quais buscam formar leitores capazes de compreender, questionar e enriquecer suas experiências literárias, contribuindo, assim, para uma apreciação mais profunda e crítica da literatura.

Não obstante suas aplicações potenciais, no contexto brasileiro, a Estética da Recepção enfrenta desafios e limitações que merecem consideração. Entre essas limitações, destaca-se a necessidade de um domínio profundo das questões relativas às origens e à história dos textos na abordagem da pesquisa histórico-crítica, uma exigência que pode restringir a efetividade da aplicação da teoria, de acordo com Filho (2019). Além disso, alguns pesquisadores defendem que a Estética da Recepção pode não ser adequada para analisar certos tipos de produções culturais.

Entretanto, as perspectivas futuras para pesquisas no campo da Estética da Recepção no Brasil apontam para a exploração de suas aplicações para além de textos literários, alcançando diversos contextos culturais e modalidades da mídia. Ademais, os estudiosos podem continuar a examinar criticamente as limitações e obstáculos inerentes à aplicação da Estética da Recepção, bem como investir na formulação de novas abordagens capazes de discutir esses desafios de maneira mais eficaz. Ao fazer isso, a Estética da Recepção pode continuar a contribuir para a nossa compreensão da relação entre literatura, arte, cultura e sociedade no Brasil.

2.1 Estética da Recepção e a comunidade de leitores na escola: leitura compartilhada

A leitura compartilhada, ou a prática de ler um texto em uma comunidade, pode desempenhar um papel importante na Estética da Recepção, fornecendo um espaço para os leitores envolverem-se em uma interpretação coletiva do texto, visto que a principal premissa da teoria é o papel do leitor na interpretação do texto literário. Assim, na leitura compartilhada,

a comunidade de leitores pode trabalhar em conjunto para descobrir as diferentes camadas de significados dentro de um texto, recorrendo às experiências e perspectivas individuais para criar uma compreensão mais rica e diversificada da obra, proporcionando-lhes consciência das suas expectativas e pré-conceitos, bem como as dos outros, levando-os a uma experiência de leitura mais apreciável e profunda.

Segundo a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2020, encomendada pelo Instituto Pró-Livro, a falta de domínio da habilidade de leitura é um dos principais desafios para a formação de leitores. Pensando nisso, as comunidades de leitores são desenvolvidas como incentivo e apoio às práticas de leitura. Além disso, são frequentemente formadas em ambientes escolares, nas universidades e nas bibliotecas públicas, mas também podem ser encontradas facilmente na internet, em plataformas de redes sociais. Segundo Petit (2010), essa ferramenta facilita o avanço dos clubes literários, o que raramente foi investigado em pesquisas anteriores. O seu objetivo é promover hábitos de leitura, incentivar a troca de ideias e de experiências, as opiniões sobre os livros e criar um sentimento de pertencimento entre os leitores.

As comunidades de leitores no Brasil envolvem a literatura por meio de várias práticas. Uma dessas práticas é a criação de clubes do livro ou círculos de leitura, que proporcionam um espaço para os leitores reunirem-se e compartilharem as experiências sobre determinado livro ou gênero. Então, Cosson (2019, p. 154) configura que “Os círculos de leitura são espaços sociais nos quais as relações entre textos e leitores, entre leitura e literatura, entre o privado e o coletivo são expostas e os sentidos dados ao mundo são discutidos e reconstruídos”.

Nesse sentido, a leitura compartilhada possui inúmeras vantagens, desde o apoio a leitores em situações adversas até a construção colaborativa para a leitura do mundo (PETIT, 2010). Além disso, Colomer (2007, p. 143) afirma que:

Compartilhar obras com outras pessoas é importante porque torna possível beneficiar-se da competência dos outros para construir o sentido e obter o prazer de entender mais e melhor os livros. Também porque permite experimentar a literatura em sua dimensão socializadora, fazendo com que a pessoa se sinta parte de uma comunidade de leitores com referências.

No ambiente educacional, a seleção de textos destinados à leitura compartilhada adquire um papel de relevância na concretização desta estratégia pedagógica. Neste contexto, é de suma importância que os professores ponderem os interesses e os níveis de leitura dos alunos, assim como a pertinência dos temas e dos tópicos em consonância com o currículo. Além do mais, é saudável destacar que obras literárias cativantes e instigantes podem efetivamente incitar discussões e debates animadores e promover o fomento das competências de pensamento

crítico. Paralelamente, não se deve dispensar a relevância da inclusão de textos que efetivamente representam a diversidade de culturas, raças e origens.

Portanto, é incontestável que a prática de leitura compartilhada possui uma dimensão pedagógica intrínseca, a qual deriva da exposição às narrativas, como contos, durante a primeira fase do desenvolvimento humano. No entanto, ao longo da evolução temporal, a atividade de leitura confrontou-se com consideráveis obstáculos, culminando na extensão gradual da prática de leitura compartilhada na sociedade contemporânea.

Apesar dessas vantagens dos clubes, alguns estudiosos criticam a comercialização de clubes de livro e a habilidade em priorizar o lucro em detrimento da relação genuína com a literatura. Festivais e eventos, como a Bienal do Livro, dedicados à literatura também constituem uma parte importante da comunidade de leitores no Brasil. São eventos que proporcionam encontros entre autores e leitores de diversas maneiras. Fernandes (2021) argumenta que os festivais literários desempenham um papel crucial na formação do significado dos textos literários e na promoção de uma política cultural em torno da literatura.

Embora a existência de desafios seja presente, como a mencionada falta de domínio das habilidades de leitura, a comunidade de leitores no Brasil continua crescente. Nos últimos anos, tem havido um número crescente de crianças leitoras, entre 5 e 10 anos de idade, segundo a pesquisa Retratos da Leitura citada anteriormente. Assim, a formação de comunidades de leitores contribui para promover a literatura brasileira e também desempenha um papel significativo na construção de uma sociedade mais forte e conectada. Após essa reflexão, apresentaremos uma proposta de leitura do conto e uma análise da prática de leitura.

3. LITERATURA JUVENIL E RECEPÇÃO LITERÁRIA: TEXTO, METODOLOGIA E PRÁTICA

O conto, enquanto um dos gêneros mais antigos e universalmente apreciados da literatura, tem ganhado cada vez mais espaço entre leitores contemporâneos, oferecendo-lhes uma maneira rápida e envolvente de vivenciar diferentes narrativas. Segundo Martins (2009, p. 11), o conto é uma narrativa linear, que não se aprofunda no estudo da psicologia dos personagens e nas motivações de suas ações. Isso exige que o contista seja conciso e deliberado em sua narrativa, selecionando apenas detalhes mais essenciais e deixando de fora informações irrelevantes. Apesar da existência de restrição na linguagem, os contos ainda podem ser ricos e cheios de camadas, com muito potencial para transmitir emoções e ideias complexas.

Embora a brevidade constitua uma das principais características fundamentais do conto, os autores ainda podem desenvolver personagens e enredos significativos. O espaço limitado no qual o conto está confinado frequentemente culmina em um delineamento mais focado e marcante das personalidades dos personagens, uma vez que os autores devem transmitir uma grande quantidade de informações em um curto período de tempo. Isso, por sua vez, exige uma construção minuciosa dos acontecimentos que compõem a narrativa, para criar uma trama envolvente e satisfatória. Dessa forma, os contos resultam em personagens vívidos e memoráveis, cujas motivações e personalidades encontram-se plenamente desenvolvidas. Em virtude disso, os contos podem ser uma ferramenta valiosa para desenvolver competências de leitura e promover o amor pela literatura, pois oferecem uma forma compacta e envolvente de explorar temas e ideias complexas.

O gênero conto pode desempenhar um papel crucial no aprimoramento das competências de leitura, particularmente no que se refere à ampliação do vocabulário e ao desenvolvimento das habilidades linguísticas, conforme indicado no artigo *Papel do Vocabulário para as Habilidades de Compreensão Leitora*, de Guimarães e Mousinho, publicado em 2019. A leitura de contos expõe os leitores a uma variedade de novas palavras e expressões, o que pode contribuir significativamente para o enriquecimento de seu repertório vocabular e para a evolução da sua capacidade de empregar esses termos em diferentes contextos. Essa exposição linguística pode, por conseguinte, potencializar as habilidades e a compreensão do idioma, o que pode levar a um melhor desempenho em todas as disciplinas escolares. Além do mais, a leitura dos contos pode aprimorar a pronúncia e a fluência dos leitores, uma vez que estes são expostos a uma diversidade de estruturas frasais e padrões gramaticais.

A leitura de contos também pode aperfeiçoar as habilidades de compreensão e do pensamento crítico. Muitas vezes esse gênero demanda dos leitores a análise e a interpretação do texto, pois a narrativa tende a ser condensada e repleta de significados sutis. Isso pode contribuir para o aprimoramento do pensamento crítico dos leitores, à medida que estes aprendem a identificar e desvelar temas, símbolos e motivos centrais na trama da narrativa. Além disso, os contos podem estimular a prática de leitura e da análise ativa. Ao interagir com o texto, os leitores podem cultivar a habilidade de realizar inferências, estabelecer conexões e formular conclusões. Essa abordagem participativa da leitura pode propiciar aos leitores a expansão de suas capacidades analíticas, à medida que se familiariza com os padrões autorais e estabelece correlações entre diferentes elementos presentes na narrativa. Nesse contexto, torna-se imperativo que as instituições educacionais incorporem metodologias ativas e incluam os contos em seus currículos, assim como complementam Lajolo e Zilberman (1991, p. 121):

[...] se a escola conseguir simular, nas atividades de leitura que patrocina, a circulação social que tais atividades de leitura têm fora do âmbito escolar, há uma possibilidade extremamente concreta de que estas atividades adquiram o sentido que elas precisam ter extramuros da escola e não se encerrem com as atividades que se encerram no final do ano letivo.

Assim, promover a cultura literária e cultivar as habilidades de leitura desde a sua formação inicial, por meio de metodologias como a empregada na presente pesquisa, tem demonstrado resultados positivos e favoráveis quando aplicadas na comunidade escolar.

Nesta pesquisa em particular, a obra selecionada para análise e recepção foi o conto “*Agulhas e Bolinhas*”, escrito por Vitor Martins e publicado pela editora Seguinte, na antologia de contos *De repente Adolescente* (2021). Este conto possui uma extensão de 22 páginas e tem como enredo principal a história de Murilo, um jovem de 12 anos que se parte com a experiência da perda de um ente querido pela primeira vez. Paralelamente, o protagonista ingressa em um curso de bordado, frequentado por senhoras idosas, o que marca o seu processo de abertura para novas perspectivas no mundo que o cerca. Além de abordar a temática do luto em uma fase da vida em que a morte ainda pode parecer um conceito distante e abstrato, o conto também explora questionamentos relacionados à distinção entre “atividades próprias para meninos” e “atividades próprias para meninas”. Este questionamento torna-se particularmente relevante quando se está em meio à exploração da própria sexualidade durante a adolescência.

3.1 Percurso metodológico da pesquisa

A presente pesquisa adota uma abordagem de cunho qualitativo, na medida em que se propõe a realizar uma coleta de informações descritivas e subjetivas, as quais são obtidas por meio de técnicas de pesquisa, tais como entrevistas, grupos focais e observação dos participantes. Conforme observado por Gerhardt e Silveira (2009, p. 32), uma pesquisa qualitativa se concentra em “aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”.

Nesse contexto, a metodologia adotada é utilizada especificamente para investigações que têm como objetivo a compreensão de especificidades de natureza complexa, como é o caso da Estética da Recepção, a qual envolve a análise das interpretações realizadas pelos leitores. Ademais, optou-se por empregar a abordagem do grupo focal, em consonância com a perspectiva proposta por Bauer e Gaskell (2002), os quais destacam que o grupo focal constitui um ambiente mais propício à expressão natural e holística, no qual os participantes consideram as perspectivas dos demais envolvidos na elaboração de suas respostas, bem como discorrem sobre suas próprias experiências e de seus pares.

Segundo Gil (2008, p. 121), “a técnica de investigação é composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com propósito de obter informações”. Dessa maneira, é importante ressaltar que a coleta de dados constitui uma etapa fundamental na condução da presente pesquisa, e para esse fim, optou-se pelo emprego de um questionário como instrumento de coleta de informações (ver apêndice A). O questionário compreendeu questões relacionadas à obtenção de informações sobre o perfil pessoal dos alunos, seguido por indagações acerca de suas preferências e habilidades de leitura, e, finalizando, o questionário incluiu questões relacionadas à alocação de tempo dos participantes. Além disso, realizou-se uma roda de leitura com gravação de áudio, seguindo um roteiro previamente elaborado (ver apêndice B). Esse roteiro foi construído com base nas Estratégias de Leitura de Solé (1998), *Las preguntas especiales* propostas por Chambers (2007) e os conceitos da Estética da Recepção, assim como etapas do método recepcional (1998), que foram utilizadas como fundamentação teórica para análise dos resultados.

Considerando-se que o foco da pesquisa recai sobre os anos finais do Ensino Fundamental, foram selecionados 4 (quatro) participantes, que compreendem um grupo de estudantes matriculados do 6º ao 9º ano na Escola Municipal Tharcilla Barbosa da Franca, localizada na cidade de João Pessoa, Paraíba. O encontro com os participantes para a coleta de dados, assim como a roda de leitura, aconteceu no dia 02 de outubro de 2023. Destaca-se que essa escola mantém uma parceria com a UFPB e seus alunos participam de um projeto de

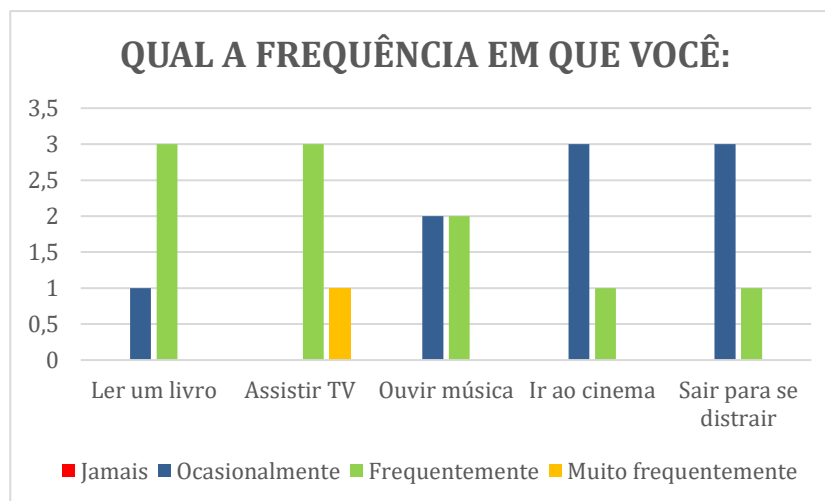
extensão¹ voltado para o enriquecimento da cultura literária e o desenvolvimento da leitura no ambiente escolar. Portanto, a inclusão desses alunos como sujeitos da pesquisa é pertinente, visto que contribui para promover a presença e o impacto da leitura literária na Escola Tharcilla Barbosa e na vida dos jovens que a frequentam.

3.2 Análise da recepção literária

No primeiro contato com os participantes, apresentamos a presente pesquisa, ao decorrer das interações, procedemos inicialmente com a aplicação do questionário (conforme disposto no apêndice A), como descrito anteriormente na metodologia, com o propósito de compreender seus interesses e suas motivações. Os resultados desta pesquisa indicam que os estudantes em questão pertencem ao 6º e 7º ano, apresentando idades entre 11 e 13 anos. O grupo está equitativamente distribuído entre os gêneros feminino e masculino. Todos os participantes afirmaram residir com seus familiares, usualmente incluindo mãe, pai e irmãos, exceto por uma única aluna que compartilha moradia exclusivamente com seus avós.

No tocante à sua afinidade pela leitura, todos os participantes expressaram gostar de ler, com três deles destacando o prazer como motivação principal, enquanto apenas um mencionou busca por conhecimento como seu impulso para a leitura. No que se refere aos gêneros literários mais frequentemente consumidos, observa-se que o gênero Quadrinhos assumiu a posição de liderança, seguido por Contos, obras de Terror e Mangás. Além disso, solicitamos aos participantes que descrevessem suas atividades durante os momentos de lazer e tempo livre. A análise dessas respostas revelou que alguns alunos dedicam um tempo significativo à leitura durante esses períodos. No entanto, é digno de nota que o consumo televisivo é uma prática bastante comum entre eles, assim como ouvir músicas. A frequência de idas ao cinema e saídas para entretenimento extrafamiliar apresenta-se como eventos menos recorrentes em suas vidas, como podemos observar no gráfico abaixo.

¹ O projeto de extensão é intitulado “Cultura literária na escola: para ler, ouvir, ver e sentir”, o qual é vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba.

Gráfico 1 – Entretenimento dos alunos

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A seguir, analisaremos de que maneira as informações fornecidas por esses jovens podem exercer alguma influência sobre suas percepções na prática de leitura literária.

A análise dos dados relacionados à prática de leitura do conto *Agulhas e Bolinhas* de Vitor Martins foi conduzida com base nas sensações e impressões reportadas pelos participantes envolvidos na pesquisa. Como um cuidado ético, a identidade de cada participante foi preservada por meio da atribuição de pseudônimos, inspirados em personagens da literatura infantojuvenil, a saber: “Eustáquio”, “Max”, “Bambolina” e “Rachel”.

No início da prática de leitura, os alunos foram encorajados a expressar suas percepções sobre o lenço que seguravam, isto é, suas impressões antes da leitura do texto. Eustáquio foi o único a responder, descrevendo-o como um bordado. Em seguida, a mediadora fez um questionamento para os participantes, questionando qual seria a relação entre o bordado e o conto que estavam prestes a ler. Bambolina prontamente respondeu, sugerindo que se tratava de algo relacionado a desenhar. A mediadora fez mais uma pergunta, desta vez sobre o significado do bordado no lenço, e Eustáquio respondeu que representava seus nomes, enquanto Bambolina acrescentou que se referia à inicial dos seus nomes. A mediadora, então, indagou se algum deles já havia experimentado alguma atividade de bordado ou costura anteriormente, e Bambolina mencionou que já costurou o elástico de cabelo que portava, enquanto Eustáquio compartilhou que fez crochê com sua mãe, mas considerou que era uma tarefa muito difícil. Rachel relatou que tentou fazer ponto-cruz porque sua mãe também o praticava.

Com base em uma abordagem estética, a mediadora questionou os participantes sobre suas percepções em relação ao título do conto, *Agulhas e Bolinhas*, e sobre como este título relacionava-se com a estética da antologia na qual o conto foi publicado. Eustáquio sugeriu que

o título poderia estar relacionado a uma abundância de agulhas e bolas no conto, indicando uma possível conexão entre o título e o conteúdo do texto. Max associou o título à ideia de costura, indicando uma relação direta com a ação de costurar. Bambolina mencionou que o termo “bolinhas” a fez pensar em miçangas, sugerindo uma possível referência a esse elemento. Rachel, por sua vez, não forneceu uma interpretação clara do título. Posteriormente, Max retomou o assunto, sugerindo que o título poderia estar relacionado a uma situação na qual alguém rasga alguma peça de roupa e, como consequência, precisa costurá-la. Bambolina reiterou sua associação com costura, enquanto Rachel mencionou a possibilidade de o título referir-se a adolescentes que gostam de costurar, estabelecendo uma conexão com o título da antologia.

A partir dessas informações, é possível compreender os horizontes de expectativas que esses alunos possuem e considerar como podemos introduzir obras que, de acordo com Bordini e Aguiar (1988), desafiem suas certezas e hábitos, tanto em relação à literatura quanto à experiência cultural. Do mesmo modo, Solé (1998) afirma que tais inferências ajudam a ativar conhecimentos prévios dos participantes e preparam o leitor para a compreensão do texto.

Durante a leitura em voz alta do conto, a mediadora envolveu os participantes em uma discussão interpretativa, buscando esclarecer aspectos relacionados à narrativa e às motivações por trás das ações dos personagens, ajudando os leitores a identificar as ideias principais, bem como efetivar a interação texto-leitor.

Inicialmente, a mediadora questionou os alunos sobre quem eles acreditavam que estava narrando a história. Rachel expressou a opinião de que a narradora era uma menina, enquanto todos os outros participantes presumiram que o narrador era um menino. Em seguida, a mediadora indagou se o narrador-personagem era uma criança, um adulto ou um adolescente, e todos concordaram que se tratava de um adolescente, com Max mencionando a conexão com o título da antologia, que faz referência a adolescentes. Continuando a leitura, quando a passagem “E se eu descobrir que não sou tão bom quanto ele achava que eu era?” foi lida (MARTINS, 2021, p. 239), a mediadora perguntou aos participantes a quem o narrador-personagem estava referindo-se. Eustáquio sugeriu que talvez fosse o pai ou algum professor que estaria prestes a ensiná-lo, enquanto Bambolina aventou a possibilidade de se tratar de algum parente próximo que tivesse falecido.

À medida que a leitura prosseguia e o nome de Murilo, o narrador-personagem, foi revelado, Eustáquio prontamente identificou que se tratava de um menino, sendo seguido por Bambolina, que confirmou a precisão da suposição deles e ambos compartilharam um momento de risos. A mediadora, então, questionou os participantes sobre as razões que poderiam ter

levado Murilo a aceitar a matrícula no curso de bordado. Rachel opinou que poderia ser uma questão de experiência, Bambolina sugeriu que talvez ele quisesse retomar algo que gostava de fazer anteriormente, Eustáquio acrescentou a ideia de que talvez a motivação estivesse ligada à pessoa mencionada por Murilo anteriormente, e Bambolina complementou com a hipótese de que algo poderia ter acontecido com essa pessoa. Max concluiu a discussão levantando a possibilidade de que o curso ajudaria Murilo a descobrir no que ele era realmente talentoso.

Essas análises e interpretações dos participantes demonstraram seu engajamento com o texto, bem como a capacidade de extrair significado a partir de contextos históricos e culturais e inferir motivações por trás das ações dos personagens, dessa forma contribuindo para uma compreensão mais profunda da narrativa e sustentando o referencial teórico.

No decorrer da leitura do texto literário, uma passagem-chave ocorreu quando Murilo refletiu em seus pensamentos: “Estou pensando em tudo o que de fato me trouxe aqui e definitivamente, não foi o panfleto” (MARTINS, 2021, p. 243). Nesse momento, a mediadora questionou os participantes sobre o verdadeiro motivo que levou Murilo a frequentar as aulas de bordado. Eustáquio sugeriu que talvez o motivo estivesse relacionado à pessoa mencionada anteriormente, indicando que havia um elemento misterioso por trás dessa decisão. Bambolina concordou, argumentando que parecia haver um motivo oculto. Conforme a narrativa avançava, Murilo revelou que o motivo que o levou às aulas de bordado foi o falecimento de seu pai. Bambolina reforçou sua suposição anterior de que o motivo estava ligado a algum parente de Murilo.

Posteriormente, Murilo compartilhou memórias sobre o quanto seu pai amava bordar, o que levou Eustáquio a uma revelação entusiasmada, sugerindo que a mãe de Murilo inscreveu-o no curso de bordado para que ele pudesse reconectar-se com a memória de seu pai, e Bambolina respondeu, complementando que foi para que Murilo pudesse se lembrar de seu falecido pai. Em um momento subsequente da leitura, Murilo mencionou o lenço bordado com suas iniciais, um presente dado por seu pai ainda em vida. A mediadora perguntou se os participantes fizeram alguma conexão entre essa parte da história e as iniciais presentes nos bordados que eles receberam antes do início da leitura, e Bambolina apenas confirmou.

A discussão e a identificação de elementos-chaves na narrativa, como os motivos ocultos de Murilo e a relação com seu pai falecido, demonstram a capacidade dos participantes de mergulhar profundamente na história e compreender as motivações dos personagens, revelando a riqueza da experiência estética de leitura e análise literária.

Em determinado ponto da narrativa, enquanto Murilo ainda está presente na aula do curso de bordado, um novo personagem, de nome Luan, é introduzido. A mediadora, adotando

uma abordagem indagativa, questiona os participantes sobre a identidade de Luan. As respostas apresentadas tiveram várias interpretações. Eustáquio propôs que Luan possivelmente fosse o animal de estimação da professora, enquanto Bambolina aventou a possibilidade de Luan ser o esposo da professora, e Max, por sua vez, aventurou a ideia de que Luan poderia ser um funcionário da professora. Eustáquio concluiu com uma conjectura, sugerindo que talvez o pai de Murilo tivesse traído a mãe para estabelecer relação com a professora.

Mais uma vez, os participantes demonstraram diversas interpretações que evidenciam as suas capacidades de especular e debater sobre temas importantes e sobre as relações entre os personagens na narrativa, criando um ambiente de curiosidade e discussão, contribuindo para preenchimentos de vazios e também para a ampliação do horizonte de expectativas. Nesse momento da narrativa, ocorre a revelação de que Luan é neto da professora, e Murilo reconhece-o como um colega da escola. Durante essa interação, Murilo compartilha suas inseguranças com Luan, relacionadas ao medo de que alguém descubra que ele está frequentando aulas de bordado.

Logo após, Eustáquio compartilha um episódio pessoal, expressando o desejo de frequentar aulas de balé, mas enfrentando a oposição de sua mãe, que receia o possível zombar das outras crianças. Bambolina rapidamente acrescenta que essa atitude é um exemplo de preconceito. No desfecho da narrativa, Murilo e Luan desenvolvem uma amizade. A mediadora então indaga os participantes se a participação de Murilo nas aulas de bordado melhorou as relações dele, inclusive com a mãe. Eustáquio responde afirmativamente, argumentando que antes eles se comunicavam apenas por meio de gestos, enquanto agora conversam de forma mais natural. Max finaliza, enfatizando que a participação de Murilo nas aulas o tornou mais feliz.

Esse trecho analisado destaca temas importantes, como a superação de estereótipos de gêneros, preconceitos e o fortalecimento de relacionamentos familiares. O reconhecimento e a conexão emocional dos participantes com eventos narrados na história destacam a consonância com a abordagem do “modelo cultural da leitura”, isso porque essa experiência promove uma prática de leitura reflexiva e interativa, que contribui com a expansão do horizonte de expectativas do leitor, conforme descrito por Gomes (2012). Nesse sentido, a leitura literária torna-se uma ferramenta poderosa para o enriquecimento das experiências individuais e coletivas, estimulando uma compreensão mais profunda do texto literário.

Ao final da leitura do conto, foram feitas algumas perguntas que levaram à visualização, inferências e conexões dos participantes para entender de que maneira a recepção aconteceu por parte desses leitores. Vejamos as respostas:

Mediadora: Vocês pensaram no lugar em que se passa a história enquanto líamos?

Eustáquio: Eu pensei mais ou menos na rua da minha casa e no curso que eles faziam dentro da associação de moradores da comunidade.

Bambolina: Eu pensei numa casa grande e várias coisas ao redor.

Rachel: Eu imaginei no interior um lugar que traz paz.

Max: Eu imaginei com teto aberto, chão com gramado, mesas e cadeiras e o portãozinho para o cachorro passar.

Mediadora: Quais passagens ficaram mais gravadas na mente de vocês?

Eustáquio: Quando Murilo deu o lenço para Luan enxugar as lágrimas.

Bambolina: Quando eles lancharam bolinhos de chuva depois da aula.

Rachel: A parte em que Murilo estava se apresentando para as colegas do curso.

Max: A parte em que ele fala sobre o avô/pai.

Portanto, os participantes fizeram conexões de suas próprias vivências com o texto literário, conforme dito por Langlade (2013), que enfatiza a construção da compreensão do leitor real por meio da interação dinâmica entre o texto e o leitor. Essa interação é influenciada pelas experiências individuais do leitor e sua visão de mundo, as quais desempenham um papel importante na interpretação e na recepção. Assim, a história trata de questões comuns e o leitor desenvolve afeto pelo texto que lê, fortalecendo o que Rouxel (2013, p. 13) aponta ao afirmar que “a leitura do texto deve ser um momento de liberação de emoções”, e, ainda, complementa Colomer que “os textos precisam dialogar com a realidades dos seus leitores” (COLOMER, 2014, p. 49), assim reforçando uma educação literária baseada no sucesso da formação do leitor através da recepção.

Logo, a análise da recepção literária realizada junto aos jovens participantes desta pesquisa evidenciou a profundidade de sua interação com a obra literária, destacando sua habilidade de discernir significados intrínsecos ao contexto histórico e cultural do texto, assim como a capacidade de inferir as motivações subjacentes às ações dos personagens. Este cenário ressalta, por conseguinte, a relevância de uma abordagem educacional pautada na recepção literária, associada a estratégias de leituras, como um caminho para o sucesso na formação de leitores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa, buscou-se investigar de que forma a Estética da Recepção e o Método Receptional aliado às estratégias de leitura poderia auxiliar no processo de ensino, aprendizagem e formação de leitores com alunos dos anos finais do Ensino Fundamental de uma escola pública.

No primeiro capítulo, decorrem aspectos envolvidos nos desafios enfrentados pelo contexto dos anos finais da educação básica, com ênfase em questões que impactam a formação do leitor. Destaca-se a relevância do ensino de literatura, uma vez que este desempenha um papel fundamental no desenvolvimento dos jovens, fomentando habilidades de leitura e interpretação. Entretanto, é preciso reconhecer que diversos obstáculos existem, dificultando a formação de leitores, incluindo a deficiência no estímulo e motivação para a leitura, a sobrecarga curricular, as desigualdades sociais, entre outros. Além disso, examinou-se a abordagem vigente no ensino de literatura na educação básica e ressaltou-se a necessidade de revitalizar essa prática, tornando-a mais relevante para a vida dos alunos.

Além disso, também são propostas estratégias para superar dificuldades inerentes ao ensino, tais quais as abordagens pedagógicas que estabelecem conexões entre a literatura e as experiências cotidianas dos estudantes, bem como métodos de ensino que envolvem os alunos no processo de leitura, conforme discutido posteriormente na seção dedicada à Estética da Recepção. A importância da contribuição desse capítulo deu-se para compreendermos os obstáculos que permeiam o ensino da literatura na educação básica e de que maneira podemos superá-los.

No segundo capítulo, por sua vez, procedeu-se à realização de uma pesquisa que aborda a influência da Estética da Recepção (1994) no ensino de literatura, destacando a evolução dessa abordagem ao longo do tempo e sua relevância significativa para a formação de leitores no contexto escolar, com destaque à importância desse capítulo para esta pesquisa, pois o sucesso da mesma se deu, de forma expressiva, sob o apoio dos arcabouços teóricos citados, que contribuíram com os resultados positivos da análise e da recepção. Inicialmente, empreendemos uma contextualização da origem dessa teoria, a qual questionou abordagens tradicionais que enfatizavam a intenção do autor e o significado intrínseco do texto literário. Adicionalmente, foram apresentados os principais teóricos que deram contribuições fundamentais à Estética da Recepção, a exemplo de Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser, que salientaram a importância do contexto histórico e cultural na interpretação da obra literária.

De igual modo, também contemplaram-se as contribuições de Vicent Jouve (2002) e Annie Rouxel (2013), com ênfase na subjetividade do leitor. No contexto brasileiro, foram destacados pensadores como Luiz Costa Lima (1979), Regina Zilberman (1989) e Vera Teixeira de Aguiar (1989), que aplicaram a Estética da Recepção no ensino de literatura. Em seguida, procedeu-se à análise da importância da comunidade de leitores, englobando os clubes e círculos de leituras, os quais enriquecem a compreensão da obra literária e promovem o hábito de leitura para além do ambiente escolar.

No terceiro e último capítulo, abordou-se inicialmente a relevância do conto como gênero literário, notadamente no âmbito da literatura juvenil. Destacou-se, além disso, a maneira pela qual os contos podem desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento das habilidades de leitura, na ampliação do vocabulário e na promoção do pensamento crítico dos jovens. Posteriormente, procedeu-se à análise das respostas dos alunos obtidas por meio de um questionário, revelando que a maioria deles manifesta interesse pela leitura, mas não recebe estímulos de nenhuma parte, com exceção de sua participação no projeto de extensão anteriormente indicado. Tal constatação reforça a afirmação de que não há promoção eficaz no incentivo à leitura para que esses jovens reavaliem a importância desta prática em suas vidas.

Este capítulo desempenhou um papel fundamental na elucidação da viabilidade de empregar o gênero literário conto a partir de uma perspectiva orientada à recepção, colocando o leitor como figura central na dinâmica interativa, com vistas a otimizar o êxito no processo de ensino da literatura e na consecução dos objetivos de formação de leitores comprometidos e proficientes.

Por fim, realizou-se a análise da prática de leitura literária, tendo como base o roteiro desenvolvido. Essa análise evidenciou a capacidade dos alunos de mergulhar profundamente na narrativa do conto *“Agulhas e Bolinhas”* (2021), compreender as motivações dos personagens e estabelecer conexões entre a história narrada com suas próprias vidas. Em outras palavras, os leitores assumiram o papel de protagonistas na ação da leitura, alinhando-se com os princípios da Estética da Recepção, que concede ampla liberdade interpretativa ao leitor e o incentiva a considerar múltiplas interpretações e perspectivas.

Diante do contexto apresentado, torna-se possível discernir as significativas contribuições da Estética da Recepção para o processo de formação de leitores. Nesse sentido, alinhado a esta teoria, o ambiente escolar pode proporcionar aos jovens a oportunidade de alcançar níveis elevados de competência na leitura, interpretação e recepção literária. Em particular, sobre nossos sujeitos de pesquisa, é evidente que a aplicação da Estética da Recepção aliada à prática de leitura compartilhada enriqueceu consideravelmente suas experiências de

leitura. Estes indivíduos não se limitaram a consumir passivamente o conteúdo literário, mas emergiram como coautores da narrativa, integrando suas vivências e perspectivas pessoais ao processo. O grupo de leitores demonstrou uma notável capacidade de mergulhar nas estrelinhas das obras, discutir temas complexos e explorar muitas camadas de significados.

Por fim, destaca-se que o diálogo entre os membros do grupo possibilitou a troca de ideias e a construção de novos entendimentos, ampliando ainda mais a experiência de leitura compartilhada. No contexto desta pesquisa, as experiências particulares dos leitores enfatizaram a relevância de reconhecer e valorizar a diversidade de perspectivas individuais no âmbito da leitura compartilhada, uma vez que cada leitor contribui de maneira única para a melhoria do coletivo.

REFERÊNCIAS

- BAUER, Martin W.; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira de. *Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2018.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.
- CHAMBERS, Aidan. *El ambiente de la lectura*. Tradução de Ana Tamarit Amieva. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2007.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. 1ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- COLOMER, Teresa. *A formação do leitor literário*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo, Global, 2014.
- COSTA LIMA, Luiz. *A literatura e o leitor: Textos de Estética da Recepção*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSSON, Rildo. *Círculos de leitura e letramento literário*. São Paulo: Contexto, 2019.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FARIAS, A. L. G. *Bibliotecas escolares: uma história do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)*. São Paulo: Editora Unesp, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FERNANDES, F. G. Festivais para quê? Afeto e performance na literatura. *Todas as Letras – Revista de Língua e Literatura*, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 1-9, jan./abr. 2021.
- FILHO, José Adriano. Estética da Recepção e métodos histórico-críticos: o texto da perspectiva do leitor. *Estudos Teológicos*, v. 59, n. 2, p. 311-324, jul./dez. 2019.
- GOMES, Carlos Magno. O modelo cultural de leitura. *Nonada Letras em Revista*. Porto Alegre, v. 1, n. 18, p. 167-183, jan./jun. 2012.
- GUIMARÃES, S. B; MOUSINHO, R. Papel do Vocabulário para as Habilidades de Compreensão Leitora. *Psico-USF*, Bragança Paulista, v. 24, n. 4, p. 685-697, out./dez. 2019.

HOLUB, Robert C. *Reception theory: a critical introduction*. London; New York: Methuen, 1984.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Vol 1. Tradução de Johannes Kretschmer. São Paulo: Editora 34, 1996.

JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à ciência da literatura*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JOUBE, Vincent. *Por que estudar Literatura?* Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2012.

JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Unesp, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A leitura rarefeita: livro e leitura no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

LANGLADE, Gérard. O Sujeito leitor, autor da singularidade da obra. Tradução de Rita Jover-Faleiros. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia de. (Orgs.) *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013.

MACHADO, A. M. Por uma literatura infantojuvenil brasileira. *Revista Emília Online*, v. 9, n.1, p. 5-16, 2000.

MARTINS, Ivanda. A Literatura no ensino médio: quais os desafios do professor? In: BUNZEN, Clécio & MENDONÇA, Márcia (Orgs). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

MARTINS, Vitor. Agulhas e Bolinhas. *De repente adolescente: uma antologia de contos*. São Paulo: Editora Seguinte, 2021. p. 238-259.

MARSON, Izabel Cristina. *Didática da leitura subjetiva: O sujeito leitor no ensino de leitura na escola*. 2016. Disponível em: <https://uenp.edu.br/profletas-produtos-educacionais/9465-izabel-marson-2016-1/file>. Acesso em: 7 set. 2023.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Oficina de Linguística Aplicada: a natureza social e educacional dos processos de ensino e aprendizagem de línguas*. Campinas: Mercado de Letras, 2006.

NÓVOA, Antônio. *Pequenos estudos sobre grandes temas – a educação e o saber dos professores*. Lisboa: Edições Educa, 2003.

PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. São Paulo: Editora 34, 2010.

REZENDE, Neide Luzia. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Aguiar; JOVER-FALEIROS, Rita (Orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo (Orgs.). *Multiletramentos na escola*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

ROUXEL, Annie *et al.* (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda 2013.

SANTOS, V. L. C; SANTOS J. E. *As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas*. 2014, 307-328. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=481547175023>. Acesso em: 10 ago. 2023.

SARDO, S. A. *Literatura na era digital: uma introdução crítica*. Imprensa da Universidade de Cambridge, 2017.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Tradução de Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: ArteMed, 1998.

VIÉGAS, P. C. Caminhos para o letramento Literário: “Tecendo” práticas em comunidade de leitores. *Nuances: Estudos sobre Educação*, Presidente Prudente, v. 27, n. 1, p. 300–314, 2016. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3709>. Acesso em: 7 set. 2023.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da Recepção e História da Literatura*. São Paulo: Editora Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. Autoria e História da Literatura no Brasil. *Letras*, n. 23, p. 79–87, 2001. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11843>. Acesso em: 10 set. 2023.

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA COLETA DE DADOS DOS PARTICIPANTES

1. Qual é a sua idade? _____
2. Qual é o seu gênero? _____
☐ Feminino
☐ Masculino
3. Qual é a sua turma? _____
4. Com quem você mora? _____
5. Você gosta de ler?
☐ Sim
☐ Não
6. Por que você lê?
☐ Adquirir conhecimento
☐ Porque gosta
☐ Edificação pessoal
☐ Não sabe responder
7. Qual gênero você costuma ler?
☐ Religioso
☐ Romance
☐ Quadrinhos
☐ Contos
☐ Poesia
☐ Outro _____
8. Responda, abaixo, com que frequência você costuma:

	Jamais	Ocasionalmente	Frequentemente	Muito frequentemente
Ler um livro				
Assistir TV				
Ouvir música				
Ir ao cinema				
Sair para se distrair				

APÊNDICE B – ROTEIRO DA PRÁTICA DE LEITURA

Mediadora: Tainá Santos de Farias.

Público-alvo: alunos do Ensino Fundamental II da Escola da Rede Municipal de ensino Tharcilla Barbosa da Franca, em João Pessoa/PB.

Obra: *Agulhas e Bolinhas* (2021), de Vitor Martins.

Data: 02/10/2023.

Antes da leitura

Inicialmente, deve ser preparado o ambiente na biblioteca da escola para receber os alunos, que encontrarão um bordado com suas iniciais nos seus lugares. Em seguida, será explicado como funcionará a dinâmica do encontro e qual o objetivo final dele. Logo após, será mencionado qual o conto escolhido para a leitura, mostrando o livro onde foi publicado o conto, *De repente adolescente* (2021), atentando-se para a capa, ilustração etc. Por fim, começará a ativação dos conhecimentos prévios, a exploração do tema e a discussão das expectativas dos alunos sobre o conteúdo do texto literário, através das seguintes perguntas:

- O que vocês acham que significa o bordado em cima da mesa?
- A que se refere a letra bordada no lenço?
- Vocês gostam de bordar ou já bordaram alguma vez?
- O que vocês entendem com um título chamado *Agulhas e Bolinhas*?
- Sobre o que vocês acham que é o conto?
- O que vocês acham que irá acontecer na história?

Durante a leitura

Nesse momento, será iniciada a leitura do conto, dando espaços para inferências sobre o texto à medida que for sendo lido, com o objetivo de manter os leitores envolvidos na história. Dessa maneira, procura-se entender a recepção literária por parte dos alunos. Abaixo, algumas perguntas que poderão ser feitas:

- Quem vocês acham que está narrando a história?
- Vocês acham que esse personagem é menino ou menina? Criança, adulto ou adolescente?
- De quem vocês acham que o menino está falando?
- Vocês já viram algum menino bordando?
- Qual será o motivo que levou Murilo até as aulas de bordado, se não foi apenas o

panfleto?

- Quem vocês acham que é o Luan? (p. 248)
- Vocês acham que as aulas de bordado melhoraram a relação de Murilo com a avó/mãe dele? O que mudou nessa relação?
- O narrador aprova ou desaprova as coisas que acontecem e o que os personagens fazem? Você aprova ou desaprova?

Depois da leitura

Para finalizar, a proposta é que os alunos reflitam sobre o texto lido, relacionando-o com experiências pessoais, com as seguintes inferências:

- Vocês pensaram no lugar em que se passa a história enquanto líamos?
- Quais personagens vocês acharam mais interessantes? Quais vocês não gostaram?
- Pense em você como um espectador. A partir dos olhos de quem você viu a história? Você viu apenas um personagem na história ou às vezes viu as coisas como um personagem as via, e depois como outro?
- Algum personagem lembra alguém que você conhece ou te lembra de personagens de outros livros?
- Quando você estava lendo a história, você sentiu que ela estava acontecendo agora? Ou você sentiu que isso tinha acontecido no passado e eles estavam se lembrando? Você pode apontar para algo no texto que te fez sentir isso?
- Quais passagens ficaram mais gravadas em sua mente?
- Se você fosse o autor, o que mudaria na história?
- O que vocêalaria para as pessoas sobre esse livro, para ajudá-los a decidir se querem lê-lo ou não?
- Alguém sabe alguma coisa sobre o autor ou sobre como ele escreveu a história? onde? Quando? Você gostaria de saber?

REFERÊNCIAS

CHAMBERS, Aidan. *El ambiente de la lectura*. Tradução de Ana Tamarit Amieva. Ciudad de México: Fondo de Cultura Económica, 2007.

MARTINS, Vitor. Agulhas e Bolinhas. *De repente adolescente: uma antologia de contos*. São Paulo: Editora Seguinte, 2021. p. 238-259.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. Porto Alegre: Artemed, 1998.